

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: _____

Data: *17.08.75*

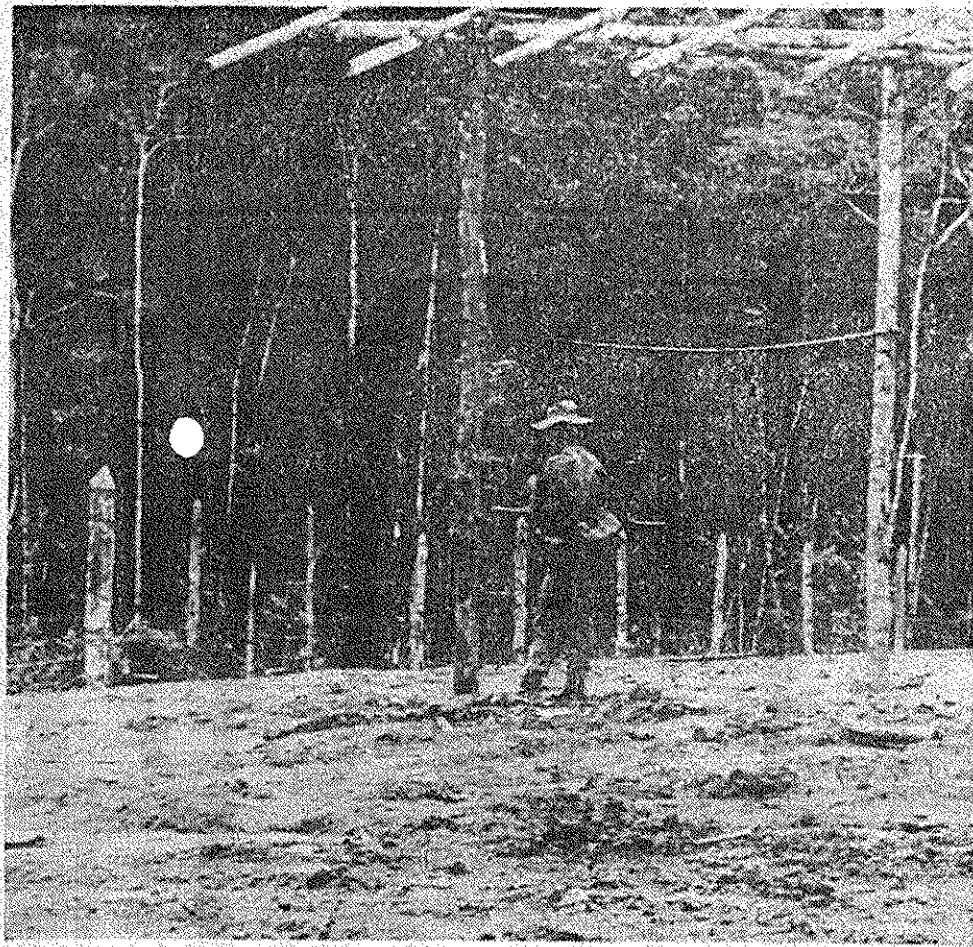
Pg.: _____

Atroaris ainda ameaçam atacar

MANOEL LIMA
Correspondente em
MANAUS

“Curuvá marupá, Curuvá iofaná amuru maró”, ou seja: “Branco não presta. Branco mata na tua casa”. É esse o grito de guerra que os índios waimiri-atroari usam ao longo de mais de 60 anos contra os civilizados invasores de suas terras, contra quem já travaram batalhas sangrentas em defesa de seu território, dos seus costumes. Esse grito de guerra ouvido oito meses atrás pelo sertanista Gilberto Pinto, custando-lhe a morte, está pondo também em risco a vida dos integrantes da expedição pacificadora do sertanista Apoena Meirelles. Em que pese todo o esquema montado na região do rio Abonari e a sua técnica de atração, Apoena poderá sofrer o ataque índio da maneira mais drástica ao se considerar a sequência dos massacres praticados pelos índios contra as expedições da Funai. E ontem eles foram avistados acampados numa área a 22 quilômetros da margem esquerda da estrada Manaus-Caracarái.

Dois razões fundamentais levarão mais cedo ou mais tarde — por ser no primeiro contato ou num dos subsequentes — os índios a atacar a expedição, que tenta retomar os contatos e dá apoio à construção da estrada Manaus-Caracarái, uma das razões da revolta dos silvícolas ao longo desses sete anos de infrutíferas atrações. Apoena não esconde o seu temor por uma ação hostil dos índios no primeiro contato que tiveram com Apoena, e procura situar os fatos que levarão os índios a trucidar as três últimas expedições: no ataque do dia 30 de dezembro passado, quando mataram o sertanista Gilberto Pinto, os índios tiveram duas baixas. Um dos cadáveres, encontrado a uma distância de 300 metros do posto Abonari II, foi enterrado pela equipe de buscas do 6.º Batalhão de Engenharia e Construção — BEC no local onde morreu, com duas balas de revólver disparadas pelo funcionário da Funai, Oswaldo de Souza. Os índios voltarão ao posto para talvez buscar o corpo do guerreiro assassinado, e só não o fizeram ainda, segundo Apoena, porque estão estudando o terreno, observando a movimentação da expedição na área e no posto, hoje transformado numa pequena vila, alegre, com mulheres e crianças, seis casas novas, luz elétrica, situação muito diferente daquela quando a atração era feita por Gilberto Pinto.



Homens armados tentam impedir um novo ataque índio

Presença de soldados inquieta

A segunda razão — e a mais plausível, que pode estar criando novos sentimentos de revolta entre as duas tribos — é a presença de um maior número de trabalhadores na estrada, com homens armados e dispostos a revidar a menor ameaça dos índios, caso apareçam nas margens da rodovia. Pelo tempo que mantêm contato com os brancos, os waimiri-atroari já têm uma concepção formada sobre o uso e os efeitos de uma arma de fogo. E a presença na área de um pelotão do 1.º Batalhão de Infantaria da Selva — I Bis — pode amedrontá-los à primeira vista, mas futuramente poderá levá-los a praticar um novo ataque aos trabalhadores da Funai e da própria estrada, mesmo que isso custe a vida de novos guerreiros. A distância, escondidos na mata, os índios já observaram a situação da estrada, as modificações havidas nos três postos de atração reativados — Aponari II, Alakui I e Camanáu

— e para Apoena eles não atacam nem a estrada — pela presença dos soldados e trabalhadores armados — e nem os postos reativados, onde também há um número maior de pessoal, superior ao que era utilizado por Gilberto Pinto. Pela localização estratégica de suas malocas, próximas a esses três postos, os índios poderão surgir a qualquer momento — com mulheres e filhos, em sinal de paz, ou somente guerreiros, demonstrando de hostilidade —, usando a mesma técnica de confraternização com o branco, da troca de suas armas mortíferas, de setas, facões e terçados, pelos brindes da Funai. Estudada a situação e conhecido o potencial humano do civilizado (eles só atacam quando têm superioridade numérica), os índios então partirão para o ataque, que desta vez será diferente. Os índios deram o primeiro sinal de sua presença na área de influência da estrada quando deixaram expostas três ubás num porto que utilizam no rio Alalau. A presença de flechas cruzadas, segundo Apoena, foi fruto da imaginação de “elementos alheios no trato com os que tentam tumultuar a expedição criando com notícias inverídicas um clima de intranquilidade e insegurança”.

Com a vazante dos rios e a estiagem na região, os índios começaram a sair de suas malocas à procura da caça para a sua sobrevivência. Já removeram a cobertura de uma maloca abandonada a duas horas de barco do posto Abonari II, sinal de que se aproximam da expedição de Apoena. Por sua localização e proximidade das malocas, esse posto é o alvo mais indicado para os índios aparecerem, numa visita que poderá ser amistosa ou agressiva. Para essa visita, de surpresa ou premeditada — diz Apoena — os índios terão também uma recepção diferente, capaz de surpreendê-los e conscientizá-los de que não queremos guerra, que somos amigos.

Qualquer que seja o tipo de visita, Apoena adotará um só comportamento para se prevenir contra um ataque de surpresa: imediatamente as obras da estrada serão paralisadas, os trabalhadores voltarão aos acampamentos, enquanto os funcionários da Funai que apoiam a estrada serão deslocados para o local da visita, e deverão ficar numa situação estratégica, apoiando o posto, pelo rio, à distância. Para Apoena, o esquema terá um duplo sentido para os índios: “Agora eles se sentirão cercados pela posição e disposição dos postos, pois antes eram os membros das expedições que se viam envolvidos pelos índios devido ao pequeno efetivo; sempre os índios surgiram nos postos numericamente superiores ao grupo de funcionários da Funai. Por isso, tinham amplas possibilidades de ataque e de sucesso”. Segundo o sertanista, essa estratégia de contato visa dar uma idéia ao índio de domínio do branco, que conhecem o potencial humano do ci-

vilizado, não como uma hostilidade, mas como força e demonstração de que somos amigos e não queremos conflitos”.

E se os índios mudarem a tática da reaproximação, da confraternização e atacarem de surpresa? Apoena consulta o cronograma de trabalho da expedição e tenta dar uma explicação tática da atração: “Esses índios, pela sequência dos contatos que tiveram com os brancos, não atacam de surpresa, nem de tocaia. Primeiro se aproximam desconfiados, confraternizam trocando suas armas como forma de conhecer as intenções do branco, estudar o seu comportamento, e depois então atacam. Foi assim em todos os contatos e massacres. Esperamos que os índios continuem utilizando a mesma técnica guerreira. Mas se mudarem, como fizeram com Gilberto Pinto, não haverá solução pacificadora: a expedição terá o mesmo destino das demais”.

O que está preocupando a expedição é o fato de os índios não terem ainda aparecido nos postos, pois, sempre depois dos massacres, eles não levam mais do que dois meses para se reaproximarem das expedições. Por outro lado, se não visitaram os postos, estão aguardando que a expedição faça uma incursão pelos rios para então tentar uma reaproximação. Apoena confessa ter chegado à região amedrontado, não com a possibilidade de sofrer um ataque e morrer, mas pela imagem que faziam desses índios, pessoas que se mostravam profundamente revoltadas contra os waimiri-atroari por causa da morte de Gilberto Pinto. Ainda em Brasília, quando discutia com a Funai o esquema da expedição, todos pediam que eu tivesse cuidado com os traícoiros waimiri-atroari. Mas a estória é outra, e chegamos mesmo a mentir à opinião pública nacional, não contando a verdade dos fatos que levam esses índios a trucidar as expedições pacificadoras. O que eles sofreram no passado não seria agora um pretexto inofensivo para a sua vingança contra o branco?”

Precaução e habilidade na execução da técnica de atração é a grande arma de que dispõe Apoena Meirelles para contactar com os índios. A sequência dos massacres leva-o a manter-se por enquanto longe das malocas, sem forçar uma aproximação. Não pretendemos por ora realizar qualquer contato direto com os índios, pois uma reaproximação apressada poderia por tudo a perder. Como se não bastassem as atrocidades que sofreram no passado, a expulsão de suas terras, quando habitavam há pouco menos de 90 quilômetros de Manaus, os índios enfrentam hoje os mais sérios problemas: é a estrada que corta a sua reserva, proliferando o ódio e a sede de vingança contra o branco invasor, foram os assassínios praticados pelos funcionários da Funai durante os dois últimos conflitos.

Vingança pode ser o motivo

No seu primeiro relatório ao presidente da Funai, general Ismarth Araújo, Apoena denuncia que no conflito havido no dia 2 de outubro do ano passado, no posto de atração Alalau II, foi morto um sobrinho do capitão Comprido, Tuchau dos Waimiris, fato que deixou os índios terrivelmente revoltados. No massacre de dezembro, quando morreu Gilberto Pinto, dois índios foram assassinados, e o corpo de um deles está enterrado no local onde tombou. A dúvida é se esse índio é ou não o próprio Comprido, casado com a filha do lendário Maroaga. “Se esse índio for o Comprido, nosso trabalho sofrerá dificuldades imensas na tentativa de evitar novos conflitos”, confessa Apoena, ao sustentar que em todos os conflitos houve baixas de ambos os lados, “mas não houve por parte da Funai nenhuma modificação para aumentar o efetivo humano, reformulação na técnica de atração, nem tampouco a substituição dos elementos envolvidos nos massacres, que retornaram aos postos, fato que naturalmente tornava os índios mais desejosos de vingança. Para Apoena, os assassinatos praticados pelos funcionários da Funai mostram como estava errada a atração dos índios, feita por “homens sem nenhum preparo para o trato com os indígenas, homens que também ficavam na mata à mercê da própria sorte, sem nenhum apoio”.

O efetivo reduzido de pessoal nos postos, inexistente, sem condições de colocar os índios num estado permanente de observação e estudo, tudo isso deixava os estimulados ao massacre para saquear o depósito de viveres e material agrícola, obrigando o pessoal dos postos a reagir, tornando os ânimos mais exaltados entre índios e brancos. O fornecimento de quantidades excessivas de marteletes, facões, facas e outros materiais cortantes, deixava os índios desinteressados em manterem uma política amistosa com o pessoal da Funai, em vista de terem em estoque aquilo que mais necessitavam receber das expedições — facas e facões para fazerem suas roças e as flechas com ponta de ferro fundido no fogo. Além desses fatores, Apoena cita a falta de apoio ao sertanista Gilberto Pinto, que ficava constrangido quando lhe negavam os recursos que solicitava para reestruturar os postos de atração. Com os dois massacres de outubro e novembro do ano passado, Gilberto solicitou à Funai a contratação de mais 20 homens, para que pudesse aumentar o seu efetivo na mata e assim continuar mantendo os índios longe de qualquer ação de ataque. Mas esses homens não foram contratados porque a Funai não tinha dinheiro.

Também a inexistência de coordenação entre o pessoal da Funai e o 6.º BEC, no sentido de se planejar uma atuação conjunta na área é vista por Apoena como o fator que levou os índios a trucidar o sertanista Gilberto Pinto. É como exemplo desse desentendimento, cita a travessia da área compreendida entre os rios Alalau e Jauapert pelo pessoal da topografia e desmatamento sem a presença de um sertanista da Funai e também o fato de o empreiteiro André Nunes ter visitado uma das malocas atroaris sem a presença de um elemento da Funai. O pessoal dependia também do BEC para a sua manutenção e a dos postos. A ação de contatos com os índios era sempre coordenada pelo BEC em função da estrada.

Hoje, esse relacionamento Funai-BEC é harmonioso, diz Apoena, embora a presença de um pelotão militar armado com fuzis automáticos contrarie frontalmente o seu esquema de atração dos índios. Para o sertanista, “não há necessidade desse esquema militar na estrada, porque o nosso pessoal mantém uma vigilância diuturna de apoio aos trabalhadores. Ademais, os índios, que têm noção exata de armas de fogo, não surgirão na estrada e não criarão problemas aos trabalhadores, a menos que um deles tente uma incursão pela mata. Se isso ocorrer e esse homem for atacado, que não culpem os índios por sua morte”.